

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O TRATAMENTO DA ATRESIA VAGINAL

XXIII Congresso Baiano de Obstetrícia e Ginecologia, 0ª edição, de 07/10/2022 a 08/10/2022
ISBN dos Anais: 978-65-81152-94-9

MORAIS; Rhuan Victor Pereira¹, SANTOS; Maria Eduarda Freire dos²

RESUMO

INTRODUÇÃO - A atresia vaginal consiste em malformação congênita, na qual parte da vagina não consegue canalizar, estando fechada ou ausente. No mundo, ocorre em cerca de 1 em 5000 nascimentos, resultante majoritariamente do desenvolvimento anormal do seio urogenital. Nesses casos, procedimentos clínicos e/ou cirúrgicos são necessários para a formação do canal vaginal.

OBJETIVO – Relatar os últimos avanços e novas possibilidades para o tratamento dessa malformação congênita.

MÉTODO – Foi realizada revisão de literatura com artigos publicados entre 2014 e 2022 sobre a temática, disponibilizados na base de dados Pubmed, utilizando-se título, resumo e duplicidade como critérios de exclusão.

RESULTADOS – Há diversas abordagens que podem ser utilizadas para a formação do canal vaginal. O procedimento clínico mais utilizado consiste em dilatação forçada do introito vaginal por meio de pressão com o objetivo de expandir o espaço potencial entre reto e bexiga, mas com grandes limitações, haja vista a necessidade de espaço prévio para dilatação e continuação da expansão por longo prazo. As técnicas cirúrgicas são mais eficientes, apesar das possíveis complicações que estão sendo reduzidas atualmente pelo uso de videolaparoscopia. Cirurgiões pediátricos, ginecologistas e cirurgiões plásticos compõem a equipe multidisciplinar para alcançar bons resultados estéticos e funcionais. A classificação da abordagem cirúrgica se baseia no tipo de cirurgia realizada, se por método convencional, videolaparoscopia ou robótica e quanto ao tipo de enxerto utilizado, como enxertos de pele, retalhos musculocutâneos ou biomateriais. As novas abordagens visam procedimentos cirúrgicos mais fáceis, mais seguros e menos invasivos. Dentre elas, está a canalização cervical por laparoscopia com melhor visualização do assoalho pélvico para evitar lesões anorretais, redução significativa da perda de sangue, das complicações pós-operatórias e do tempo de recuperação quando comparada a técnica aberta tradicional. Ademais, o uso de enxertos de pele de tilápia para a formação da nova cavidade já se configura como uma realidade nos grandes centros de referência em ginecologia.

CONCLUSÃO – Os últimos avanços para o tratamento da atresia vaginal estão relacionadas ao aprimoramento das técnicas cirúrgicas mais seguras, menos invasivas e com menos complicações a partir do uso de cirurgias de vídeo, que exigem maior expertise do cirurgião e da disponibilidade de recursos materiais. O uso de biomateriais tem sido relevante, haja vista o uso de pele de tilápia como alternativa de enxerto biológico. Portanto, novas técnicas cirúrgicas e utilização de biomateriais são promissores para correção da atresia vaginal.

PALAVRAS-CHAVE: atresia vaginal, alterações congênitas, malformações mullerianas

¹ Universidade Federal da Bahia, rhuav@gmail.com

² Universidade Estadual de Santa Cruz, melsantos.med@uesc.br